

*“A cada passo se esperava a morte”:  
o fenômeno da seca no sertão da  
América Portuguesa colonial*

*“At every step, death was expected”: the drought phenomenon  
on the Portuguese Colonial America hinterlands*

Tiago Bonato\*

---

**Resumo:** A seca é um dos grandes pilares da construção imagética do sertão da Região Nordeste do Brasil. Causa de muitas das suas idiosincrasias e flagelo da população, a seca como fenômeno climático da região foi registrada pela primeira vez, ainda no século XVI. Entretanto, o primeiro registro encontrado sobre a seca, enquanto sistemática e cíclica é de autoria do padre luso-brasileiro Joaquim José Pereira. O padre realizou diversas viagens pela região dos atuais Estados do Piauí, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte. Em seus escritos sobre a Ribeira de Apodi, em fins do século XVIII, encontramos várias referências ao clima. Além da caracterização da seca, principal motivação do padre para a escrita, o autor também arrola os anos em que as secas atingiram a população da região, desde a década de 1720. Esse artigo

**Abstract:** Drought is one of the major pillars of the construction of the image of what is today the sertão of northeastern Brazil. Cause of many of their idiosyncrasies and scourge of the sertão's population, the dry climate of the region as a phenomenon was first described in the sixteenth century. However, the first description found on drought while systematic and cyclical climate phenomenon is authored by Luso Brazilian priest José Joaquim Pereira. The priest made several trips through the region of the current states of Piauí, Maranhão, Ceará and Rio Grande do Norte. In his writings about Ribeira de Apodi in the late eighteenth century, we find several references to the weather. Besides the characterization of drought, the main motivation for his writings, the author also enrolls the years when drought hit the

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor no colegiado do curso de graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). *E-mail:* bonatotiago@gmail.com

pretende demonstrar, através de relatos de viagem, que ainda no período colonial a seca se constitui peça-chave para a formação da paisagem da região.

**Palavras-chave:** Ciência setecentista. América portuguesa colonial. Seca.

region's population since the 1720s. This article seeks to demonstrate, through travel reports, that during the colonial period the drought is the key to the formation of the landscape of the region.

**Keywords:** Science in eighteenth century. Portuguese Colonies in America. Drought.

---

O fenômeno da seca é elemento constitutivo de todas as construções que caracterizam o nordeste do atual território brasileiro. Desde um imaginário televisivo, passando por políticas públicas e chegando a caracterizações científicas, a descrição da seca é peça-chave na construção dessa paisagem. Este artigo tem dois argumentos principais: primeiro o de que o registro das secas não é recente, remontando ao início do período colonial. Entretanto, e esse é o segundo argumento, a aproximação dos termos *sertão* e *seca*, no caso da América portuguesa é um processo mais longo, que ultrapassa os séculos de colonização, chegando até os dias atuais.

Um dos primeiros relatos dos quais se tem notícia sobre a seca é do padre português Fernão Cardim, que, em fins do século XVI, deixou registrado em seu *Tratado da terra e da gente do Brasil*:

O anno de [15]83 houve tão grande secça e esterilidade nesta província (cousa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviaes e mandioca muitas se secariam, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil índios. (CARDIM, 1925, p. 331).

Entretanto, uma análise um pouco mais demorada sobre o fenômeno e a observação de sua constância cíclica foi feita em fins do século XVIII. Naquele momento, muitos naturalistas, religiosos, funcionários foram enviados pela Coroa portuguesa em viagens exploratórias que receberam o nome de *viagens filosóficas*. O objetivo era desbravar e conhecer de forma efetiva todas as partes do imenso império ultramarino português, através do olhar aguçado e atencioso à natureza. (CRUZ, 2004).

## O vigário de Valença

Um personagem bastante instigante desse período, e praticamente desconhecido na historiografia, é o Padre Joaquim José Pereira. O vigário de Valença – como também era conhecido em referência à sua residência como pároco do termo da cidade de Valença do Piauí – tinha um profundo conhecimento sobre aqueles sertões. Como ele mesmo narra em seus relatos, cruzou os sertões de Pernambuco e Maranhão, “vivendo por elles mais de doze annos”. (PEREIRA, 1904, p. 165). Pelas memórias de viagem que escreveu, suponho também que o padre viveu alguns anos na Vila de Apody, no atual Rio Grande do Norte, e, partindo daí, percorreu o sertão do Piauí. Dessa forma, mesmo sem mencionar em suas memórias conhecidas, o religioso também atravessou todo o sertão do atual Ceará, para atingir seu destino. Sua trajetória de vida é pouco conhecida, apesar de seus muitos escritos. O Padre fala em uma de suas memórias sobre seu local de nascimento, Carnoza Correa. A falta de informações impede que saibamos se o nome se refere a uma vila, região ou fazenda. O certo é que, ao que parece, nenhuma localidade hoje no sertão leva esse nome ou suas variações. Ele ficou famoso nas vilas onde morou. Na Ribeira do Apody, Joaquim José, chamado de “celebre chronista”, teria fundado, ainda em 1783 um colégio de latim. (GUERRA, 1920). É verdade que a maioria dos religiosos recebia uma formação erudita nas ordens; entretanto, é surpreendente o fato de Joaquim ter fundado a escola de latim no meio do sertão norte rio-grandense.

Foi na última década do século XVIII, precisamente quando se achava em Valença do Piauí, que ele produziu suas memórias e estudos. No bojo das viagens de exploração e espírito cientificista do setecentos, um de seus artigos foi enviado para ser publicado na Academia de Ciências de Lisboa, à época o local onde se divulgava a ciência praticada pelos naturalistas do Império português. Mesmo que não tenha sido aceito para publicação, o fato de o artigo ser enviado para Lisboa mostra uma busca de reconhecimento por seus méritos científicos. Sob as ordens do ministro dos negócios de ultramar, Rodrigo de Souza Coutinho, o Padre realizou pelo menos três viagens na última década do século: uma pelo sertão da Ribeira do Apody, nos anos de 1792 e 1793, da qual resultou a *Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody*, uma das fontes utilizada neste artigo.

No ano de 1792, em outra expedição, o Padre partiu da vila de Portalegre, no sertão do atual Estado de Rio Grande do Norte – todo ele

parte integrante da então capitania de Pernambuco. De Portalegre, Joaquim José seguiu até São Luiz do Maranhão e dali para a exploração dos sertões dessa capitania entre 1794 e 1797. Dessa viagem resultou a *Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão, que igualmente diz respeito ao numero das freguesias, e ao das almas, de que consta a mesma capitania; dirigida, e consagrada ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, conselheiro, ministro e secretario de estado dos negócios da marinha*. Em 1799, o padre iniciou outra grande viagem, desta vez pelos sertões do Maranhão e do Piauí. Mais uma vez o ponto de partida foi a capital, São Luiz. Depois de subir o rio Muni, em direção ao leste da capitania, e visitar algumas vilas durante os primeiros meses da viagem, ele chegou à cidade de Aldeias Altas, onde, em 12 de abril de 1800, encontrou outro naturalista, o bacharel Vicente Jorge Dias Cabral, que o acompanhou no restante da viagem. A viagem durou cerca de três anos, e a produção dos cientistas inclui diários de viagem, memórias, ofícios, análises botânicas e remessas de produtos naturais para Lisboa. Os escritos do Padre impressionam pela grande erudição apresentada: ele cita numerosas vezes, em sua narrativa, químicos, naturalistas e outros cientistas célebres do século XIII. Além disso, seus escritos são precedidos de fórmulas de legitimação, que buscam dar veracidade às suas observações. Um bom exemplo é o início da *Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão...* já citada. Nela, o Padre refuta a narrativa dos *antigos* e de alguns *modernos* escritores, exaltando a sua forma de escrita:

Como o costume dos antigos escritores, e ainda muitos dos modernos, é querer persuadir sem a menor averiguação as cousas duvidosas por verdadeiras; as incertas por certas; as pequenas por grandes; a teoria por prática; a verbosidade por ciência; é o motivo por que se difundem e fazem crescer os volumes nada proveitosos á verdade dos fatos, mas que entretêm assim mesmo as atenções dos sábios. (PEREIRA, 1797).

Para fazer análise dessas fontes, utilizarei trabalhos que trazem reflexões metodológicas acerca do trato dos relatos de viagem. (JUNQUEIRA, 2010; TODOROV, 1991; CRUZ, 2002). Além disso, utilizo aqui as reflexões sobre as *redes de informações e conhecimentos* construídas pelos cientistas, naturalistas, exploradores e funcionários do Império português, da segunda

metade do Setecentos. (KURY, 2004; DOMINGUES, 2001; BOURGUET, 1997). A partir desse quadro teórico-metodológico, proponho entender como o termo *sertão* se transformou no período (AMADO, 1995; ARAUJO, 2000; NEVES, 2003), e como a seca passou a fazer parte da construção da *paisagem* da região. (SAUER, 1998; COSGROVE, 1998; BONATO, 2014).

## A seca e o sertão

A seca mereceu grande atenção do padre Joaquim José Pereira. O autor inicia seu texto sobre a Ribeira de Apodi, escrito em 1798, falando sobre o fenômeno:

A investigação d'esta carta temporária nasceu de uma atenta e escrupulosa observação feita e meditada sobre a estação dos anos de 1792 e de 1793, nos quais a cada passo se esperava a morte. Ella devastou, pelo excesso a que chegou, e despovoou os sertões por falta das chuvas, que se esperavam do céu, de que resultaram tristíssimas conseqüências e desgraçados fins. (PEREIRA, 1904, p.180).

Além da caracterização da seca, principal motivação do Padre para a escrita, o autor também arrola os anos em que as secas atingiram a população de Apodi, desde a década de 1720. Segundo o autor, “este clima, pela posição do seu sertão, segundo Deus é servido, suscita áquelles povos de dez em dez anos, conforme a observação feita pelos habitantes os mais prudentes e experimentados, seccas, que devoram”. (PEREIRA, 1904, p.181). A partir de sua investigação, Pereira trata então de listar as maiores secas que assolaram os sertões daquelas regiões, desde o início do século XVIII.

Para analisar o fenômeno da seca, é interessante uma comparação com o livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha. (CUNHA, 1997). O romance é um grande clássico da literatura brasileira, publicado em 1902. Ele trata da expedição militar ao Arraial de Canudos, no final do século XIX. O autor, Euclides da Cunha, era jornalista e fazia parte da expedição, daí o caráter extremamente descritivo dos detalhes do livro. Além disso, o livro se insere no que a historiadora Marcia Naxara (2004) chama de *romances de formação* ou *fundação*, os quais inauguraram uma “linha de interpretação que buscou dotar a nação não somente de mitos fundadores, mas reter hábitos, costumes, vivências, histórias”. (NAXARA, 2004, p. 42).

O notável fenômeno das secas foi apresentado ao grande público, então, como sistemático e recorrente, através da obra de Euclides da Cunha. No entanto, o autor atribui a primazia da descrição do fenômeno das secas ao senador Tomás Pompeu, no século XIX:

Revelou-o [o fenômeno das secas], pela primeira vez, o senador Tomás Pompeu, traçando um quadro por si mesmo bastante eloqüente, em que os aparecimentos das secas, no século passado e atual, se defrontam em paralelismo singular, sendo de presumir que ligeiras discrepâncias indiquem apenas defeitos de observação ou desvios na tradição oral que as registrou. (CUNHA, 1997, p. 26).

Entretanto, como vimos, o vigário de Valença já havia escrito sobre as grandes estiagens nordestinas na década de 1790. No texto de Euclides da Cunha, encontramos igualmente uma lista das secas, bem mais completa, já que trata de toda região do sertão e não apenas dos sertões da Ribeira de Apodi. Mas a comparação entre as listas mostra uma notável semelhança, inclusive destacando a seca dos anos de 1791, 92 e 93. Segundo Joaquim José Pereira,

no ano de 1792 sucedeu a rigorosa seca, de que se faz principal menção neste lugar, que assolou o sertão do Apody, e toda a capitania de Pernambuco, onde se acabaram todos os víveres, e morreram os gados, e a mesma gente que os habitavam perderam as vidas [...] No ano de 1793 ainda grassava a mesma seca com a mesma penúria. (PEREIRA, 1902, p. 177).

Em Cunha, encontramos a seguinte passagem: “É ao terminar a seca lendária de 1791-1792, a ‘grande seca’, como dizem ainda os velhos sertanejos, que sacrificou todo o Norte, da Bahia ao Ceará”. (CUNHA, 1997, p. 40). Mais uma vez, mesmo sem utilizar diretamente como fonte os viajantes luso-brasileiros do século XVIII, Euclides da Cunha nada mais faz do que apresentar novamente dados já observados pelo menos um século antes.

É interessante demonstrar também que a representação feita pelo Padre sobre o clima nos sertões é muito marcada pela contraposição entre a seca e alguns meses de chuva. A seca – mesmo sendo mais citada e recorrente – se contrapõe, nos relatos, aos períodos de chuva, nos quais as cheias dos rios,

da mesma maneira que a falta de água, tornavam a viagem doentia e perigosa. Períodos de cheia são pouco descritos, se comparados aos de seca no sertão. É provável que, nesses períodos, os viajantes fossem obrigados a interromper a viagem, por alguns dias ou meses, como conta Joaquim José Pereira em seu Diário:

Saindo a quatro de Maio para Oeiras, cheguei a esta Cidade por impedimento das chuvas, a oito do mesmo mês para continuar no Real Serviço, em Companhia do Bacharel Vicente Jorge Dias Cabral, o qual chegou a mesma Cidade e pelo mesmo motivo, a doze de Abril, saindo de Aldeias Altas a dezesseis de Março. (PEREIRA, 1799).

Os períodos de cheia, portanto, não eram de viagem. Sendo assim, é normal que sejam menos descritos nos relatos. Enquanto nos períodos de seca os viajantes estavam seguindo viagem e, portanto, sofrendo com ela, nas cheias aguardavam o cessar das chuvas, sem a preocupação constante com a continuidade da expedição.

A representação de paisagem é uma das principais características dos relatos de viagem. Esse conceito, entretanto, merece uma análise mais detalhada. No *Vocabulário Portuguez e Latino*, de D. Raphael Bluteau, publicado em 1712, *paisagem* é designada como “Villa de que representão os painéis de boas pastagens”, além de uma indicação “Vide paiz”. No verbete *paiz*, a primeira definição é “termo do pintor. Painéis em que estão representados arvoredos, prados, fontes e outros aprazíveis objetos do câpo”. Através das definições do termo, percebemos que a *paisagem* carrega consigo três concepções distintas e indissociáveis: ao mesmo tempo em que *paisagem* é a natureza em si – ou uma parte dela, um território, um espaço –, é também a visualização desse espaço através de um observador e, ainda, a representação do mesmo espaço, seja pela pintura ou pela escrita. Essa associação de significados indica a natureza do problema em que o termo e, conseqüentemente, o conceito *paisagem* estão inseridos.

Outra importante abordagem da paisagem, que nos interessa aqui, é feita por Denis Cosgrove. Seu conhecido artigo traz, já no título, a essência do trabalho e a direção dos seus esforços. *A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*, coloca a questão da interpretação hermenêutica da paisagem. Cosgrove (1998) propõe a aplicação de algumas

*habilidades interpretativas* para a leitura do “texto cultural”, que é a paisagem. Essas habilidades seriam as mesmas de que dispomos,

ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro, de tratá-la [a paisagem] como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados [...] sugerindo maneiras de tratar a geografia como uma *humanidade* e como uma ciência social. (COSGROVE, 1998, p. 97).

O simbolismo é peça-chave para interpretação da paisagem segundo Cosgrove. Sua teoria está muito ligada ao legado de Sauer (1998), tanto no que diz respeito ao papel da cultura não material na paisagem, que é essencial para uma análise simbólica, quanto nos métodos subjetivos que Sauer chama de “além da ciência”. Por isso, a aproximação da história com uma geografia cultural renovada poderia considerar a paisagem como um *texto cultural*, reconhecendo que “os textos têm muitas dimensões, oferecendo possibilidades de leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas”. (COSGROVE, 1998, p. 101).

A partir dessa concepção conceitual de paisagem, entendo o *sertão* descrito pelo viajante como um dos pontos constitutivos dessa paisagem, que, no decorrer dos séculos, foi aproximando a *seca* do *sertão*. A etimologia da palavra *sertão* é incerta, de modo que os autores que tratam do tema não entram em consenso a respeito. Para Erivaldo Fagundes, a gênese da palavra *sertão* vem do vocábulo *muçeltão*, corrompido para *celtão* e, depois, *certão*. Entretanto, o autor não discute sobre o significado dos termos antecedentes. Há também a tentativa de ligação com o termo *desertão*, de onde teria vindo o *sertão* como forma contraída. Para alguns filólogos contemporâneos, há ainda a especulação de que *sertão* deriva do vocábulo latino *desertanu*, de etimologia pouco conhecida. O que todos concordam, entretanto, é a significação: *região agreste, despovoada, lugar recôndito, distante do litoral, mas não necessariamente árido; terra e povoação do interior; enfim, o interior do país*. (NEVES, 2003, p. 154).

Na América portuguesa o termo sofreu algumas modificações. Para Emanuel Araújo, para além do significado de longe da costa, o *sertão* passou também a retratar, no período colonial, os grandes vazios incultos e desabitados – e, com isso, a construção de oposição à civilização. (ARAÚJO, 2000, p. 80). No caso brasileiro, a oposição cultural do termo foi transferida



para uma oposição geográfica: de um lado o litoral, civilizado, e de outro, o sertão. Amado (1995) afirma que “como adquiriu uma significação nova [...] à localização onde se encontrava o enunciante ao emitir o conceito, o sertão foi construído a partir do litoral, por diferenciação entre categorias opostas e complementares”.

Com todas essas construções e ressignificações, o termo ultrapassou seus significados originais e se modificou. Ao mesmo tempo em que o significado expandiu a região delimitada pelo termo limitou-se. Evivaldo Fagundes Neves, em artigo já citado, conclui que

generalizou-se o conceito de “sertão” para vasta área do interior brasileiro que expressa pluralidade geográfica, social, econômica, cultural, equiparando-se à idéia de “região”, exposta como especialização destacada num continente, país ou subunidade setorial de poder, caracterizada pelas relações sociais e de trabalho, condições materiais, recursos ambientais, natureza do que produz, espécies de bens comercializados, formação étnica, manifestações culturais. Como categoria analítica da divisão espacial, “sertão” exprime condições de território interior de uma região ou unidade administrativa interna – sertão nordestino, sertão da Bahia – ou de zoneamento dessas espacializações – Alto sertão da Bahia, sertão de Canudos, Sertão de São Francisco – ou ainda o sertão do Bandeirante, que inclui o interior de outras unidades da federação, fora do “polígono das secas”. (NEVES, 2003, p. 157).

Durante todo o período da ocupação portuguesa no território brasileiro, o *sertão* marcava a fronteira da colonização, em todas as regiões. Desde os primeiros contatos dos viajantes portugueses com o território, que hoje compõe o Brasil, o termo *sertão* era utilizado para designar toda porção de terra longe da costa. No *Vocabulário Portuguez e Latino* de D. Raphael Bluteau, publicado em 1712, o verbete *sertão* é designado por “região, apartada do mar e por todas as partes metidas entre terras”. Definido como território longe da costa, o sertão, no caso brasileiro, correspondia à maior parte do imenso território da América portuguesa.

Aos poucos, portanto, o conjunto de significados que compõe o termo foi deixando de remeter a todos os territórios afastados da costa – e aqui falo tanto de significado geográfico, como cultural e administrativo –, para se aproximar do fenômeno da seca e restringir seu uso, atualmente, com base apenas à Região Nordeste brasileira, o semiárido. As imagens

construídas e reforçadas ao longo dos séculos sobre essa região mostram hoje uma associação com um estereótipo de analfabetismo, de incivilidade, de economia pouco desenvolvida. Esse imaginário foi reconstruído e reforçado muito nos últimos dois séculos. Entretanto, parte de suas características essenciais vem dos traços retirados anacronicamente dos relatos de viagem. As narrativas europeias sobre o América sempre se caracterizaram por seu inevitável eurocentrismo. Desde as primeiras descrições dos aventureiros e conquistadores quinhentistas, passando pelos naturalistas luso-brasileiros do séc. XVIII e chegando às conhecidas expedições do Oitocentos, a relação e a visão do outro foi construída com base nos parâmetros daqueles momentos históricos. A utilização dessas descrições, fora de seu contexto original, juntou-se a narrativas ideológicas contemporâneas, formando e reforçando o imaginário atual sobre o sertão do Nordeste brasileiro. Alocadas em suas sincronias, entretanto, podem oferecer elementos interessantes para o estudo dessa região.

## Referências

---

### Fontes

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

PEREIRA, Joaquim José. Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão, que igualmente diz respeito ao número das freguesias, e ao das almas, de que consta a mesma capitania; dirigida e consagrada ao Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, conselheiro, ministro e secretario de Estado dos Negócios da Marinha. *RIHGB*, v. 20, p. 165-169, 1904.

PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody. *RIHGB*, v. 20, p. 175-185, 1857.

SPIX, Johann B.; MARTIUS, Carl F. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v. II.

### Fontes manuscritas

PEREIRA, Joaquim José, 1799. *Diário ou Memória*. AHU, Maranhão, Cx.127, doc.9556 (manuscrito inédito).

## Bibliografia

- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.
- ARAÚJO, E. Tão vasto, tão ermo, tão longe: o sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: DEL PRIORE, M. *Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BONATO, Tiago. *Viagens do olhar: relatos de viajantes e a construção do sertão brasileiro (1783-1822)*. Guarapuava: Unicentro, 2014.
- BOURGUET, Marie Noeile. O Explorador. In: VOVELLE, M. *O homem do Iluminismo*. Presença, Lisboa, 1997.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 92-123.
- CRUZ, Ana Lúcia. Verdades por mim vistas e observadas, Oxalá foram fábulas sonhadas. Cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 39. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império Português, em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 8 (suplemento), p. 823-838, 2001.
- GUERRA, Philipe. Notas sobre a Ribeira do Apody. *RIHGRN*, v. XVIII e XIX, 1920 e 1921.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: \_\_\_\_\_; FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Editora Humanitas, 2010. p. 44-61. v. II.
- KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.
- NAXARA, Márcia. *Cientificismo e Sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed. da UnB, 2004.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politéia: história e sociologia*, v. 3, n.1, p. 153-162, 2003.
- SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: CORR A, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.
- TODOROV, Tzvetan. *As morais da história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

